

O silêncio na era do ruído

Alberto Araújo, da Universidade do Minho, em Portugal, defende a importância da quietude como elemento de aprendizado e reflexão e afirma que ele “foi expulso nas ciências da educação a favor da comunicação”

LILIAN MONTEIRO

Qual o valor pedagógico do silêncio em uma sociedade do ruído como a atual? Discussão mais do que pertinente em uma época em que todos verbalizam, a maioria ouve, mas não escuta. Um verdadeiro caos, senão uma torre de Babel na comunicação do século 21, período com o maior volume de informação (com e sem qualidade) à disposição da história. O professor Alberto Filipe Ribeiro de Abreu Araújo, da Universidade do Minho, em Portugal, esteve em Belo Horizonte, onde realizou a conferência “Da contemplação do(s) silêncio(s) à palavra iniciática”, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Araújo faz uma defesa enfática do silêncio como momento de pausa necessário para a efetividade da comunicação, da apreensão e da reflexão. Argumenta que, numa sociedade em que o ruído e a palavra se tornaram onipresentes, tratar do tema do silêncio pode parecer, à primeira vista, estranho, senão mesmo exótico. E sustenta, com minuciosos argumentos, que o silêncio tem sido historicamente “expulso nas ciências da educação, senão mesmo exorcizado, a favor da comunicação”.

As reflexões de Araújo, doutor em educação e especialista em filosofia da educação, não se limitam à teoria da informação. Apesar de seu foco de pesquisa ser o campo pedagógico, as implicações cognitivas, psicológicas e filosóficas da atual hipercomunicação têm amplitude imensurável. A singularidade de sua abordagem é deslocar a atenção do excesso de discursos para a importância do silêncio. Questionado sobre o valor do silêncio na atualidade, ele afirma que “a sociedade do século 21 é amante da comunicação, da informação mediada por uma panóplia enorme de redes sociais, que tende a fazer

da palavra uma cacofonia de signos, em detrimento da palavra que fica e do símbolo que convoca”.

Vivemos na era digital ou da informação, época do ciberspaco instrumentalizado pela informática e pela internet. Pensando na tecnologia, com o ser humano cada vez mais isolado e individualista, o silêncio não passou a ser a “identidade” desta nova geração? Para o professor Araújo, “não se deve confundir o estar calado e o silêncio exterior com o silêncio interior, com aquele que é pregnante simbolicamente, importa sublinhar que não é o silêncio que passou a ser a ‘identidade’ desta nova geração, mas antes a solidão, o isolamento, a decepção, a frustração e, muitas vezes, a raiva, o bullying etc”.

O pensador português cita o conceito de “sociedade do espetáculo”, de Guy Debord, para retratar a lógica do presente, que “sobrevvaloriza o par comunicação-informação”. “O tempo e o espaço para o silêncio ficam drasticamente secundarizados, mesmo reduzidos a uma caricatura face ao poder sacrossanto da circulação da palavra e do audiovisual”, aponta. O professor conta que, recentemente, um importante estudo realizado por pesquisadores da Universidade Carnegie Mellon, na Pensilvânia, nos Estados Unidos, demonstrou que o crescimento no uso da internet coincide com um aumento da solidão, problema acentuado na era do uso constante de redes, como Facebook e Instagram, o que pode fazer mal à saúde física e emocional das pessoas. “Na prática, as redes sociais aumentam a sensação de angústia, ansiedade, inveja e frustração. Desse modo, o ser humano atual, precisamente alienado pela revolução digital, tornou-se cada vez mais isolado e individualista, embora con-

venido do contrário, e é, portanto, este convencimento que importa urgentemente desmistificar”.

Não é o silêncio, no seu sentido mais terapêutico, reconfortante e criativo, que passou a ser a “identidade” desta nova geração, afirma Araújo. Ele explica que, pelo contrário, a fuga da solidão promove uma obsessão pelo “contato” permanente com outras pessoas, com a utopia de ter mais “amigos” e mais “amigos” virtuais que acabam por enfraquecer os laços sociais de proximidade e de intimidade. “No mundo on-line, todos parecem estar constantemente disponíveis, de dia e de noite, para responder às nossas mensagens ou para comentar os conteúdos das redes sociais. Por outro lado, a música e os vídeos disponibilizados pela internet e o seu acesso instantâneo por meio do smartphone criam nos indivíduos uma dependência do ruído ininterrupto. Fugimos da solidão e do silêncio, por isso, perdemos as oportunidades para evocar os nossos pensamentos ou para refletir sobre as nossas experiências”.

E mais, conforme o professor, o uso massivo e indiscriminado das novas tecnologias e do virtual leva as pessoas a conversar “sem estar falando” e a ouvir “sem estar escutando”. “Dito isso, não é nossa intenção demonizar a tecnologia, porque temos consciência de muitos dos artefatos tecnológicos usados para comunicar”. Araújo deixa claro que a tecnologia é apenas um meio, capaz de servir a fins distintos e, inclusive, antipodas.

“O mal é do Twitter? Em si não é, como não é da internet, nem do smartphone, nem das aplicações, nem de nada. É o contrário. É a mudança da sociedade que potencializa o uso



O professor português Alberto Filipe Araújo sustenta que a sociedade contemporânea tem grave déficit de escuta

de determinadas tecnologias, que depois acentuam os ‘efeitos de partida’”, pondera, citando argumento do historiador português José Pacheco Pereira. E completa: “Se por um lado, esses artefatos tecnológicos empobrecem o poder de expressão, a retórica e a argumentação, por outro lado, esses mesmos artefatos poderiam potencializar esse mesmo poder discursivo, reflexivo e argumentativo se fossem utilizados numa outra direção bastante diversa da atual”.

Para o pesquisador, a necessidade e o valor do silêncio produtivo se chocam com o silêncio imposto pelo ato de teclar em detrimento da comunicação oral, que se perde em muitos casos, como no da educação. Argumenta que o estudante, imerso na infinidade informacional das telas, estaria perdendo a capacidade de uma comunicação de qualidade, por afetar a forma com que a linguagem é estruturada.

Nessa concepção, Alberto Filipe Araújo afirma que “a solidão e o silêncio são condições fundamentais para ler um livro ou para meditar sobre o mundo que nos rodeia”. “O uso desmedurado das novas tecnologias torna os indivíduos escravos do celular ou do computador e impossibilita o distanciamento crítico. A ilusão de ter o mundo na mão conduz a um esvaziamento do nosso espírito crítico e a uma submissão da opinião ministrada pelos meios de comunicação. Assim, a juventude perde a capacidade de se expressar e se torna mais conformista e frágil, sem defesas face aos populismos crescentes”.

Como cientista, Araújo defende que, se a comunicação é, na verdade, um dos maiores bens do ser humano, “tal pressuposto não nos livra de nos interrogar sobre a natureza dessa

mesma comunicação”. “Uma coisa é a comunicação ser feita em nome da palavra que evoca e que escuta, outra coisa é quando a comunicação se transforma numa espécie de ideologia e de tecnização do sentido, no qual este, ao contrário do sentido da palavra que tende para metáfora e o símbolo, se tende a esvaziar, a desfigurar e a se perder numa figura estereotipada denominada signo. Uma comunicação deste tipo tende a fechar-nos num mundo limitado, sem horizonte, no qual o sujeito se arrisca a perder a sua identidade, seu rosto e a sua própria voz”.

Araújo lança a hipótese de que essa forma “esvaziada” de comunicação contribuiu para “transformar a sociedade num espaço de ruído, no qual a palavra terá forçosamente muita dificuldade em se afirmar”. Referindo-se à tese de Philippe Breton, em *A utopia da comunicação*, o professor alerta que “a crença sacrossanta na comunicação — com seus poderes de transparência, de supressão da barreira público/privado e do excesso onipotente — pode mesmo transformar a ‘sociedade do ruído’ num imenso pedalelo chamado ‘sociedade totalitária’”. O professor está atento aos possíveis efeitos perversos do modo com que a tecnologia é utilizada atualmente. Destaca, sobretudo, certa tendência de as redes sociais obnubilarem a distinção entre as esferas pública e privada. E, mais do que isso, o fato de constituir “importante reservatório de um populismo”, o que tem claros efeitos na dinâmica da opinião pública e no funcionamento da democracia. “As redes sociais não são a causa do populismo, mas são um grande fator de seu crescimento e consolidação”.

“O tempo e o espaço para o silêncio ficam drasticamente secundarizados, mesmo reduzidos a uma caricatura face ao poder sacrossanto da circulação da palavra e do audiovisual”

■ Alberto Filipe Araújo

Por uma pedagogia da descoberta

Muito é dito, lido, postado, veiculado e exposto publicamente. No entanto, o fluxo contínuo de informação acaba por comprometer a efetividade comunicativa, com efeitos consideráveis para a educação. Com essa premissa, o professor Alberto Filipe Ribeiro de Abreu Araújo, da Universidade do Minho, em Portugal, defende a necessidade de uma pedagogia do silêncio. “A pedagogia do silêncio implica necessariamente um saber escutar, um saber ouvir como contemplando a palavra dita para, depois, ela ser ‘ruminada’”. Só uma palavra “ruminada”, purificada num silêncio redentor, vale a pena de ser pronunciada e, por conseguinte, esgotada.”

Para o professor, a sociedade atual, que uns designaram de “pós-moderna”, fez da palavra das redes sociais que a medeiaram o seu deus de adoração. “A sociedade do século 21 só fala e pensa pouco, ou não pensa de todo naquilo que diz e, portanto, tem um déficit muito grande de escuta”, analisa. Araújo aponta que, na sociedade atual, “o ruído incessante esconde a banalidade e a espessura das relações interpessoais, da mesma maneira que o ‘fazer silêncio’ parece uma atitude perigosa, ameaçadora e, por que não?, excêntrica”. E cita uma frase de Sara Maitland, de *O livro do silêncio* (2011): “A tagarelice nervosa que ocorre para cobrir até mesmo períodos breves de silêncio no interior de um grupo é uma manifestação disso mesmo”.

Neste contexto, Alberto Filipe Araújo não admira que uma pedagogia do silêncio se revele necessária para reconduzir de novo a palavra à sua matriz originária — o silêncio interior. É em que consiste esta pedagogia do silêncio? “É realmente diferente de uma cultura escolar e acadêmica que supostamente atribua um valor sacrossanto ao domínio da palavra que não da “Palavra”, da recitação cacofônica que não do pensamento criativo e crítico, da visualização e da imaginação reprodutora que não da imaginação criadora e transformadora utópica, do resultado produtivo, calculador e quantitativo que não da meditação crítica. O silêncio interior não pode permitir negligenciar, ou dispensar, uma pedagogia do silêncio que ensine o valor e a importância do silêncio interior em ordem que a palavra se faça do novo ouvir como ‘poder da palavra’ e não como ‘palavra do poder’, como lugar de diálogo interior e, consequentemente, lugar de realização integral da pessoa”.

Tema universal, o silêncio mereceu reflexões con-

sideráveis ao longo do século 20, como ressalta Araújo, citando Carl Gustav Jung (1875-1961), que o dimensiona no plano arquetípico. “Não se trata aqui de refletirmos sobre um silêncio qualquer ou circunstancial, mas, antes, sobre o silêncio interior, que é um silêncio espiritual. Um tipo de silêncio coberto pelo seu véu impenetrável que a palavra não tem que saber somente romper, mas, sobretudo, merecê-lo romper. A palavra proclamada tem que ser merecedora de irromper por meio da densidade do silêncio que parece”.

O silêncio tem valor pedagógico, defende Araújo. Para sustentar essa lógica, porém, é necessário que se “tenha consciência de que a palavra brota de um pensar silencioso reflexivo e tende a ele regressar, na medida em que o silêncio é como uma meditação sobre esta mesma palavra”. O pesquisador evoca a força da “palavra absoluta” e do “silêncio vital” como elementos constituintes de um “sentido iniciático” na relação pedagógica, construído na base da alteridade e da reflexão de si mesmo. Para ele, “esse tipo de sentido, além de ser transmitido metafórica e alegoricamente, a maior parte das vezes, pelo mestre ao discípulo, também incita a que o mestre confronte o próprio discípulo com a sua interioridade, ou seja, com a pessoa que se é”.

O professor ensina que a pedagogia do silêncio constitui um apelo ao autoconhecimento e à conscientização sobre o sentido daquilo que nos rodeia. “Desse modo, o ruído organizado e a distração afastam os momentos de silêncio e não possibilitam o desenvolvimento da nossa capacidade de pensar, de organizar as nossas ideias e de construir o próprio discurso. Em outras palavras, o uso massivo e alienante da tecnologia digital e o uso acrílico das redes sociais comprometem em muito a genialidade, a inteligência inventiva e mesmo a autêntica subjetividade cognitiva. Nesse sentido, esse novo modus vivendi consagra a ascensão de uma nova ignorância e, por conseguinte, torna a democracia mais frágil”.

Para Alberto Filipe Araújo, “a pedagogia do silêncio deve ensinar que o sujeito ‘re-aprenda’ a não ter medo do silêncio, que não tenha medo de se escutar e de pensar e de se pensar, mesmo que o pensamento, como o disse Alberto Caetano no seu poema *O guardador de rebanhos*, incomode”. Pensar incomoda como andar à chuva/ Quando o vento cresce e parece que chove mais” (LM)



Da ausência do som à construção da palavra

ALBERTO FILIPE RIBEIRO DE ABREU ARAÚJO

As ciências da educação, particularmente a filosofia da educação e a pedagogia, desconfiaram, desde sempre, do silêncio interior e iniciático para se consagrar inteiramente à libido educandi e cognoscendi pela palavra, e raras vezes pela “Palavra iniciática” na sua correlação com o silêncio interior e com o segredo. Dito de outro modo, o silêncio é evacuado nas ciências da educação, senão mesmo exorcizado, a favor da comunicação, e, por conseguinte, da “sociedade da comunicação”. É aquilo que ainda é pior é que essas mesmas ciências e o discurso filosófico-pedagógico que as acompanha parecem não saber separar a linguagem da educação, em que a metáfora tem um lugar preponderante, da linguagem que acompanha a sociedade do ruído. Comprometendo, deste modo, quer a esfera do mythos-logos, quer a esfera do silêncio e da sua pedagogia. Resumindo: as diferentes disciplinas que constituem as ciências da educação elegeram a comunicação, nos seus diversos modelos, como pedra angular da relação educativa em detrimento do valor pedagógico do silêncio, excetuando raros casos, como o da “lição de silêncio” do método pedagógico montessoriano, em que o silêncio é estimulado e apreciado.

A nossa intenção, numa primeira parte, é chamar a atenção para a necessidade de evocar o silêncio numa sociedade do ruído, como a nossa, e sobre ele refletir dos mais variados modos: poético-literários, filosóficos, religiosos, educacionais etc. Numa segunda parte, buscamos destacar a importância do silêncio interior na construção de uma Palavra que se pretende iniciática. E por esta modalidade de Palavra entendemos toda aquela que tende a ser proclamada por um mestre e ouvida por um discípulo que paulatinamente por essa Palavra se transformará numa espiral de sabedoria. Pela pedagogia do silêncio e da “Palavra iniciática” o discípulo tomar-se-á um próximo, assim como o mundo da vida e a vida da Terra se tornaram menos estranhos, podendo conviver numa relação ecológica sustentável e responsável. O silêncio e a “Palavra iniciática” só ganham, deste modo, na sua profundidade se, mediante uma pedagogia própria, souberem conduzir o sujeito, na sua qualidade de discípulo ou de outra, até a meditação e contemplação.